

Índio quer ser apenas índio

A PÓS 20 anos de contato com os índios, o fotógrafo Walter Sanches afirma que a presença do branco é prejudicial aos indígenas. A notícia não é nova, mas a decisão de um grupo de jovens índios carajás de não mais falar o português talvez seja a primeira tomada de consciência que eles têm. Sanches acredita que, diante da degradação em que vivem as tribos atualmente, a situação tende a tomar um novo rumo, com um maior rigor, por parte dos índios, na manutenção das tradições.

— O maior problema dos jovens índios é que os turistas que vão à Ilha do Bananal, terra dos carajás, desvalorizam sua cultura, dizendo que eles são mais brancos que qualquer outro grupo. O fato de se desfazer de uma cultura secular, uma cultura que resiste a todas as formas de pressão, faz com que eles se sintam inferiorizados — comentou o fotógrafo.

Vivendo no posto da Funai na aldeia de Macaúba, no norte da Ilha, Sanches diz que, além da venda de bebida aos índios, o que é considerado ilegal, há ainda as missões, que tentam convertê-los a uma religião que os coloca cada vez mais inferiores ao homem branco. Ele garante que não é normal se ver um índio com bíblia pregando pela aldeia, mas que já existem alguns assim.

— O papel das missões, que talvez seja uma consequência natural do processo de aculturação, não chega a ser estabelecido, já que, a princípio, o

índio é visto como um ser pagão, que não crê, nem é religioso, o que pode ser facilmente contestado. A venda de bebida alcoólica também acontece livremente, muitas vezes com a convivência dos próprios índios, que até escondem da fiscalização aqueles que desrespeitam as leis — afirmou Walter Sanches.

O fotógrafo afirma que em 20 anos mais de dez índios



Walter Sanches: a presença do branco prejudica os indígenas

morreram afogados, apenas na aldeia dos carajás, que ele procura mostrar na exposição que apresenta no Museu do Índio. Segundo Walter, diz-se que as palavras o vento leva, e por isto ele decidiu trabalhar com imagens, "que são mais fortes e marcantes, quase impossíveis de serem transformadas. "Infelizmente,

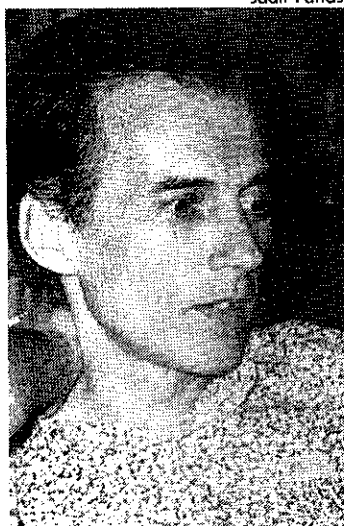
acabei descobrindo que as imagens também são levadas por um vento mais forte, que acaba tirando a gente também do meio das comunidades", lamenta.

PRESERVAÇÃO

Walter Sanches, que já trabalhou com os irmãos Villas-Boas na época da construção da Transamazônica, acha que, embora a natureza seja resistente, ela acabará por destruir todas as nações indígenas, caso elas não sejam preservadas. Mas adianta que preservar não é limitá-los a uma área, mas, sim, tratá-los como índios que são. Ele acha que a política que era desenvolvida pela Funai não conseguia manter os índios livres dos confrontos com posseiros. Este confronto se estende até hoje, se bem que em menor escala.

— Talvez este tenha sido o motivo que me afastou por 12 anos da Funai. A política de gerais, exercida após 73, quando os presidentes do órgão saíam apenas quando se mudava o presidente do País, me fez ver o quanto era ingloria a minha função. Trabalhava, sabia dos problemas enfrentados pelos índios e tentava mostrar ao mundo o que se passava, mas tudo o que eu fazia não chegava às pessoas. Afastei-me pelo cerco que mantinham à verdade, aquela que era disfarçada para tornar a vida do órgão normal — disse o sertanista.

Hoje, com a nova administração da Funai, onde os erros são mostrados tanto quanto os acertos, Walter disse que o



O chefe de posto indígena passou 20 anos em contato com os índios

trabalho é compensador. Sua melhor tarefa, conforme lembra, é escutar homens e mulheres reclamarem da vida na aldeia e de como são tratados pelos órgãos de proteção. Ele disse que os índios não pedem mecanização da agricultura, ou mesmo professores formados em grandes centros urbanos, mas apenas o direito de continuarem vivendo. Para tal, o que eles precisam é de um plano de saúde capaz de conter o alto índice de tuberculose, blenorragia e malária que assolam as aldeias.

— Até hoje são usados apenas paliativos para estas doenças. O que eles precisam é de um sistema de saúde capaz de preservar-lhes a vida. Não adianta levar programas utili-

zados em grandes centros urbanos, pois eles representam uma cultura diferente, uma vida muito particular — frisou Walter Sanches.

NOVA ERA

Quanto aos novos índios, Walter conta que os pais que aprenderam a falar o português ainda pequenos não entendem a resistência que os mais jovens estão tendo ao processo de degeneração da cultura. Os velhos afirmam que não entendem o motivo de os mais novos não falarem a "língua do branco" e não quererem manter um contato maior. Os índios jovens, que vão nas cidades apenas duas vezes por ano, preferem não manter um contato maior com os brancos, até por não falarem a língua deles. A única época em que eles convivem mais com os brancos é durante os jogos da Seleção Brasileira, quando perdem o sentimento de isolacionismo. O futebol, segundo Walter, é a única coisa que consegue unir os povos, sem distinção de raça, cultura, ou cor.

— As mulheres e os jovens, espero, inaugurarão uma nova fase da cultura indígena, quando as tradições voltarão a ser o fator marcante das aldeias. Se eles conseguirem isto, nós entraremos numa nova era, a era da vida e do respeito. Enfim, a era em que o Homem voltará a ser homem e o Índio também o será, mas sem se deixar influenciar pelo branco — concluiu, esperançoso, Walter Sanches.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

última hora

Class.:

Data:

28/10/88

Pg.: